

OITO DETETIVES



Toda investigação
parte de evidências.
Mas e se elas fossem
disfarces de algo
mais grave?

ALEX PAVESI

OITO DETETIVES

ALEX PAVESI

TRADUÇÃO: ANDRÉ GORDIRRO



EIGHT DETECTIVES
COPYRIGHT © 2020 BY ALEX PAVESI
ALL RIGHTS RESERVED.
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial: **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial: **CARLA SACRATO**
Preparação: **FRANCINE PORFIRIO**
Revisão: **THAÍS ENTRIEL E DANIEL RODRIGUES AURÉLIO**
Capa: **RENATO KLISMAN | SAAVEDRA EDIÇÕES**
Projeto gráfico e diagramação: **CRISTIANE | SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pavesi, Alex

Oito detetives / Alex Pavesi; tradução de André Gordirro. — São Paulo: Faro Editorial, 2021.

288 p.

ISBN 978-65-86041-60-6

Título original: Eight Detectives

1. Ficção inglesa I. Título II. Gordirro, André

20-4299

CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa



1ª edição brasileira: 2021
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por **FARO EDITORIAL**

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310
Alphaville - Barueri - SP - Brasil
CEP: 06473-000
WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR



1

Espanha, 1930

“Acho que tem alguma coisa errada.”

OS DOIS SUSPEITOS ESTAVAM SENTADOS EM MÓVEIS DESCOMBINADOS DENTRO do salão branco e quase sem decoração, esperando que algo acontecesse. Entre eles, um arco levava a uma escadaria estreita e sem janelas. No meio da subida, a escada mudava de direção, escondendo o andar superior e dando a impressão de que levava à escuridão e nada mais.

— É um inferno ficar esperando aqui. — Megan estava sentada à direita do arco. — Quanto tempo normalmente leva uma sesta, afinal?

Ela foi até a janela. Lá fora, a paisagem interiorana da Espanha era de um tom laranja. Parecia deserta no calor.

— Uma ou duas horas, mas ele andou bebendo. — Henry, com um violão apoiado no colo, estava sentado de lado, com as pernas sobre o braço da poltrona. — Conhecendo Bunny, ele vai dormir até a hora do jantar.

Megan foi até o armário de bebidas, examinou as garrafas e virou cuidadosamente cada uma até que todos os rótulos estivessem voltados para fora. Henry tirou o cigarro da boca e o segurou diante do olho direito, fingindo observá-la através dele: um telescópio falso.

— Você está inquieta de novo.

Ela vinha andando de um lado para o outro na maior parte da tarde. O salão, com azulejos brancos e superfícies limpas, lembrava a sala de espera de um médico; os dois poderiam estar em um hospital antigo de onde eles vieram, em vez de uma estranha vila espanhola no topo de uma colina.

— Se estou inquieta — murmurou Megan —, você não para de falar.

Algumas horas antes, eles estavam almoçando com Bunny em uma pequena taverna na vila mais próxima, a trinta minutos de caminhada pela floresta saindo da casa dele. Ao verem Bunny se levantar ao fim da refeição, os dois logo notaram como ele estava bêbado.

— Precisamos conversar — dissera ele com a voz grogue. — Vocês provavelmente já se perguntaram por que os chamei aqui. Tem algo que eu gostaria de conversar há muito tempo.

Era uma coisa sinistra de se dizer para os dois convidados, ambos inteiramente dependentes dele em um país onde nunca estiveram antes.

— Quando voltarmos para casa, apenas nós três.

Eles levaram quase uma hora para voltar andando, com Bunny lutando para subir a colina como um burro velho; seu terno cinza em contraste com a terra vermelha. Parecia um absurdo agora pensar nos três juntos em Oxford, todos aqueles anos atrás; Bunny aparentemente envelheceu dez anos mais do que os dois.

— Eu preciso descansar — dissera ele com a fala arrastada, depois de deixá-los entrar na casa. — Me deem um tempo para dormir, depois a gente conversa.

Assim, enquanto Bunny subia a escada a fim de dormir para não sentir o calor da tarde, Megan e Henry haviam desabado em poltronas dos dois lados da escadaria.

— Uma breve sesta.

Isso foi há quase três horas.

Megan estava olhando pela janela. Henry se inclinou para a frente e contou o número de azulejos entre os dois: ela estava na diagonal diante dele, a uma distância de sete azulejos brancos.

— Parece um tabuleiro de xadrez — disse Henry. — É por isso que você não para de andar? Está dispondo as peças para um ataque?

Megan se virou para encará-lo, seus olhos se estreitaram.

— O xadrez é uma metáfora barata. É o que os homens usam quando querem falar de maneira grandiosa a respeito de conflitos.

Havia uma discussão se desenvolvendo entre os dois a tarde toda, desde que Bunny interrompera o almoço subitamente. Megan olhou pela janela novamente e lá estava ela, tão inevitável quanto o clima: a discussão iminente, uma mancha negra no céu azul.

— A essência do xadrez são as regras e a simetria — continuou ela —, mas o conflito geralmente é apenas cruel e sujo.

Henry dedilhou o violão como uma maneira de mudar de assunto.

— Você sabe como afinar isso aqui? — Ele tinha encontrado o instrumento pendurado na parede acima da poltrona. — Eu poderia tocar se estivesse afinado.

— Não — respondeu Megan e saiu da sala.

Ele a observou entrar na casa; versões sucessivamente menores de Megan enquadradas por outras portas ao longo do corredor. Então, acendeu outro cigarro.

— Quando você acha que ele vai acordar? Eu gostaria de tomar um pouco de ar fresco.

Megan estava de volta, a maior versão dela ficou parada na porta mais próxima.

— Vai saber — respondeu Henry. — No momento, Bunny está dormindo o sono de quem acabou de almoçar.

Ela não sorriu.

— Vá em frente e saia — disse Henry. — Acho que qualquer coisa que ele tenha a dizer pode esperar.

Megan fez uma pausa, com o rosto tão imaculado e ilegível quanto nas fotos de divulgação. Ela era uma atriz, por profissão.

— Você sabe o que ele vai nos dizer?

Henry hesitou.

— Acho que não.

— Beleza. Eu vou lá fora, então.

Ele concordou com a cabeça. O corredor se afastava do salão na direção para a qual Henry estava voltado, e ele viu Megan percorrê-lo e sair por uma porta no fim; as escadas estavam à esquerda. Henry continuou brincando com as cordas do violão até que uma delas estalou, o metal chicoteou e cortou as costas de sua mão.

Naquele momento, a sala escureceu e ele se virou automaticamente para a direita: Megan estava na janela, olhando para dentro, com as colinas vermelhas atrás dando um brilho demoníaco ao seu contorno. Ela não parecia capaz de vê-lo; talvez o dia lá fora estivesse muito claro. Mas Henry se sentiu como uma criatura em um zoológico mesmo assim, com as costas da mão na boca, os dedos pendurados no queixo, enquanto chupava o pequeno corte.

MEGAN SE REFUGIOU NO LADO SOMBREADO DA CASA

Parada em uma moita de flores silvestres, ela se recostou no prédio e fechou os olhos. De algum lugar próximo, veio um som suave e percussivo: *dip, dip, dip*. Parecia vir de trás dela. Megan pensou a princípio que fosse o som do violão atravessando as paredes, mas não era melódico o suficiente para isso. Era muito fraco — quase nem estava presente —, mas ela ainda conseguia ouvir, tão inconfundível quanto uma pedra no sapato.

Dip. Dip. Dip.

Megan se virou e olhou para cima. Através de uma grade de ferro forjado, ela viu uma mosca batendo sem parar na janela fechada do quarto de Bunny. A janela vizinha à dela, no último andar da casa. Era apenas uma mosquinha tentando escapar; então, Megan viu que havia duas. Três, na verdade. Agora quatro. Um enxame inteiro de moscas tentava sair. O canto da janela estava escuro com elas. Megan imaginou as moscas mortas empilhadas no parapeito da janela. Ela encontrou uma pedrinha no chão e a jogou na janela; a nuvem negra se espalhou diante do ruído audível, mas não veio nenhum som do interior. Megan tentou novamente, mas não conseguiu despertar o anfitrião adormecido.

Ela ficou impaciente e pegou um punhado inteiro de pedras, jogou uma atrás da outra até que as mãos estivessem vazias. Então deu a volta por trás da casa, entrou pela porta e atravessou o corredor até o pé da escada, onde Henry, surpreso pela aparição súbita, deixou cair o violão, fazendo barulho no chão branco e frio.

— Acho que devemos acordar o Bunny.

Ele viu que Megan estava preocupada.

— Você acha que tem alguma coisa errada?

Na verdade, ela estava com raiva.

— Acho que devemos verificar.

Megan começou a subir a escada. Ele estava seguindo logo atrás quando ela viu algo que a fez parar e gritar. Instintivamente, Henry a abraçou. Foi uma tentativa de mantê-la calma, mas de uma maneira tão atrapalhada que deixou os dois agarrados, incapazes de se mover.

— Me largue!

Megan se soltou com uma cotovelada e correu para a frente, e então, com os ombros dela fora do caminho, Henry viu o que ela tinha visto: um

filete de sangue que se estendia da porta de Bunny para o topo da escada, apontando diretamente para seus pés.

Nenhum dos dois jamais havia visto tanto sangue. Bunny estava deitado de bruços nos lençóis. Um cabo de faca surgia das costas dele, com um rastro vermelho irregular que seguia até a extremidade mais baixa da cama. A lâmina estava quase totalmente escondida; os dois conseguiram enxergar apenas uma fina linha de prata entre o corpo de Bunny e o cabo preto.

— É ali que está o coração dele — disse Megan.

O cabo em si poderia ter feito parte de um relógio solar, com o cadáver marcando a passagem do tempo, sem saber.

Ela se aproximou da cama, contornando as poças no chão. Quando Megan estava a um passo do corpo, Henry a deteve.

— Você acha que deveríamos?

— Preciso verificar.

Indo contra o bom senso, ela pressionou dois dedos na lateral do pescoço dele. Não sentiu pulsação e balançou a cabeça.

— Isso não pode ser verdade.

Em estado de choque, Henry sentou-se na beira do colchão; o peso fez com que as manchas de sangue se espalhassem em sua direção, e ele pulou como se estivesse acordando de um pesadelo. Henry olhou para a porta e depois voltou-se para Megan.

— O assassino ainda pode estar aqui — sussurrou ele. — Vou procurar nos outros quartos.

— Ok — sussurrou Megan de volta; e por ser atriz, ela sussurrou de uma maneira tão clara quanto se tivesse falado. Foi quase sarcástico. — E verifique se todas as janelas estão trancadas.

— Espere aqui. — E ele foi embora.

Megan tentou respirar fundo, mas o ar no quarto já estava podre, e as poucas moscas denunciadoras ainda estavam batendo contra a janela naquele dia escaldante. Elas deviam ter se cansado do cadáver. Megan se aproximou e ergueu a janela alguns centímetros. As moscas dispararam e se dissolveram no céu azul, como grãos de sal misturados à sopa. Enquanto ela ficou parada ali, gelada do choque, ouviu Henry vasculhando os cômodos próximos, provavelmente abrindo guarda-roupas e olhando embaixo das camas.

Ele apareceu na porta novamente, com uma expressão decepcionada.

— Não tem ninguém aqui em cima.

— Todas as janelas estavam trancadas?

— Sim, eu verifiquei.

— Foi o que pensei — disse ela. — Bunny trancou tudo obsessivamente antes de sairmos para o almoço. Eu o vi fazer isso.

— E aquelas portas estão trancadas?

Henry indicou com a mão as duas portas da varanda atrás dela. Megan foi até elas e puxou as alças. As portas estavam aferrolhadas por dentro nas partes de cima, do meio e de baixo.

— Sim — respondeu ela, sentando-se na beira da cama e ignorando o sangue que se espalhava. — Henry, você sabe o que isso significa?

Ele franziu a testa.

— Significa que eles devem ter saído pela escada. Vou trancar todas as portas e janelas no andar de baixo. Fique aqui, Megan.

— Espere... — começou ela, mas ele já havia desaparecido.

Megan ouviu os pés descalços de Henry batendo sem musicalidade nos degraus, que eram tão brancos e duros quanto teclas de piano. Ouviu-o parar quando chegou à curva da escada e bater a palma da mão contra a parede para se firmar, depois ouviu o resto de seus movimentos no andar de baixo.

Ela abriu uma gaveta da cômoda de Bunny, não havia nada além de cuecas e um relógio de ouro. Outra continha um diário e pijamas. Ele adormeceu vestido, obviamente. Megan pegou o diário e folheou as páginas. Os registros haviam parado há quase um ano. Ela o guardou de volta, então olhou para o relógio.

Quanto tempo ela teria que esperar aqui, permitindo a demonstração improvisada de tomada de controle por parte de Henry, antes que pudesse descer e confrontá-lo?

VISTO QUE A CADA PORTA QUE HENRY FECHAVA, A CASA FICAVA MAIS QUENTE, embora tivesse começado o processo rapidamente, agora ele se movia devagar e metodicamente, respirando com dificuldade e andando por cada cômodo várias vezes para garantir não ter deixado nada passar. A disposição dos ambientes era confusa, e Henry se perguntou por que Bunny tinha vindo morar sozinho em uma casa tão grande. Nenhum dos cômodos parecia ter o mesmo formato ou tamanho, e muitos não tinham janelas. “Sem luz, mas com a escuridão visível.” Era o que a pessoa construía quando tinha dinheiro, supôs ele.

Henry voltou para a sala e encontrou Megan lá, empoleirada na poltrona em que ele esteve sentado e fumando um de seus cigarros. Henry achou que deveria dizer algo divertido, para adiar o confronto com a realidade pelo menos por um momento.

— Tudo o que você precisa é de um violão e um corte de cabelo, e isso seria como se olhar no espelho.

Megan não respondeu.

— Eles foram embora — disse ele. — Há muitas janelas e portas por aqui, é claro. Podem ter saído da maneira que quisessem.

Lentamente, ela largou o cigarro em um cinzeiro e pegou uma faca pequena que havia colocado ao lado. Henry nem tinha percebido a faca; era apenas mais um objeto fino que se misturava à sala pouco decorada. Megan se levantou e segurou a faca, a ponta na direção do peito de Henry.

— Não se mexa — ordenou ela em voz baixa. — Fique parado aí. Nós precisamos conversar.

Henry se afastou de Megan. A parte de trás dos joelhos encostou na poltrona oposta à dela, e seu corpo desmoronou no assento. Megan levou um susto com aquele movimento repentino e, por um momento, ele se sentiu impotente, agarrando os braços da poltrona em desespero. Mas ela ficou onde estava.

— Você vai me matar, Megan?

— Só se você me obrigar.

— Eu nunca consegui obrigar você a nada. — Ele suspirou. — Pode me passar um cigarro? Estou preocupado que, se eu esticar a mão para pegar um, possa perder um ou dois dedos. Posso acabar fumando meu próprio polegar como um charutinho.

Ela retirou um cigarro do maço e jogou-o na direção de Henry, que o pegou e acendeu com cuidado.

— Bem — disse Henry —, você esteve procurando uma discussão a tarde toda, mas imaginei algo mais civilizado do que isso. Qual é a ideia?

Megan falou com a confiança de alguém que superou o inimigo:

— Você está tentando fingir calma, Henry, mas suas mãos estão tremendo.

— Talvez eu esteja com frio. É impressão minha ou o verão espanhol está um pouco cortante este ano?

— E ainda assim o suor está escorrendo de você.

— O que esperava? Você está com uma faca na minha cara.

— É uma faca pequena, você é um cara grande. E ela nem está perto do seu rosto. Você está tremendo porque está preocupado em ser descoberto, e não por achar que vou machucá-lo.

— O que está insinuando?

— Bem, estes são os fatos. Existem cinco quartos no andar de cima. Todos têm barras nas janelas. Barras pretas grossas, do tipo que vemos em desenhos animados. Dois dos quartos têm portas que dão para varandas, e ambas estavam trancadas. As janelas também. Você mesmo verificou agora. Há apenas uma escadaria que leva ao andar superior, bem aqui. Isso tudo parece correto?

Ele concordou com a cabeça.

— Então, quem matou Bunny deve ter subido a escada — Megan apontou para a curva sombria da escada — e deve ter descido por ela. E você está sentado aqui, ao pé da escada, desde que voltamos do almoço.

Henry deu de ombros.

— E daí? Você não está insinuando que eu tenho algo a ver com isso, está?

— É exatamente isso que estou fazendo. Ou você viu o assassino subindo aquela escada ou subiu lá você mesmo, o que o torna um assassino ou cúmplice. E não acho que você esteja aqui há tempo suficiente para ter feito amigos.

Ele fechou os olhos e se concentrou nas palavras de Megan.

— Que besteira. Alguém poderia ter passado por mim escondido. Eu mal estava prestando atenção.

— Alguém passou por você escondido em uma sala branca e silenciosa? Quem foi, Henry, um rato ou bailarino?

— Então você acha mesmo que eu o matei? — Todo o argumento dela se encaixou, e Henry se levantou em protesto. — Mas, Megan, há uma coisa que você não mencionou. Eu posso ter ficado sentado aqui desde a hora do almoço, cuidando da minha própria digestão, mas você esteve bem aqui comigo.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Isso é verdade, em parte. Consigo pensar em pelo menos três vezes que saí para tomar um ar fresco. Será por isso que você andou fumando tanto, só para me expulsar? Não sei quanto tempo leva para cravar uma faca nas costas de alguém, mas imagino que possa ser feito rapidamente. Lavar as mãos depois provavelmente ocupa a maior parte do tempo.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR



Há um grande número de portadores do vírus
HIV e de hepatite que não se trata.
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!

CAMPANHA



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM JANEIRO DE 2021